

## Lápides do século XIX:

trajetórias de vida e expressões de sentimento no cemitério (da Irmandade)  
Santo Antônio em Campo Maior – Piauí

Jéssica Gadelha Morais<sup>1</sup>

**Resumo:** Os cemitérios são espaços de construção de histórias e estórias, possuem linguagem mista (verbal e não verbal) e articulam memórias (nacionais, locais ou de grupos sociais específicos). As narrativas construídas através do acervo funerário estão diretamente relacionadas à abordagem pela qual são conduzidas as pesquisas. Uma das abordagens possível é a Arqueologia Histórica entendida como “o estudo da materialidade em termos culturais dos efeitos do mercantilismo” (ORSER JR, 1992) e que dispõe de diversidade de fontes para compreensão das sociedades abordadas. Sendo a Arqueologia Histórica apenas um dos diálogos possíveis de se estabelecer com o cemitério, a lápide é apenas um dos elementos com o qual o pesquisador busca dialogar. Trata-se de uma laje tumular que contempla a linguagem escrita e imagética cuja análise individual ou conjunta revela ritos de passagem da vida, expressões de sentimento e confissão religiosa. O presente artigo busca resgatar parte das trajetórias e memórias de duas famílias sepultadas no cemitério Santo Antônio no século XIX, trazendo informações biográficas e simbólicas. O percurso metodológico utilizado foi à pesquisa *in loco* e a utilização de registros de óbito e casamento. As análises possibilitaram identificar omissões, complemento, reforço ou contradição de informação.

**Palavras-chave:** Cemitério; Lápides; Epitáfio; Iconografia; Arqueologia Histórica.

**Abstract:** Cemeteries are spaces for story-building, have a mixed language (verbal and non-verbal) and articulate memories (national, local or specific social groups). The constructed narratives through the funerary collection are directly related to the approach by which the research is conducted. One of the possible approaches is Historical Archeology understood as "the study of cultural materiality of the effects of mercantilism" (ORSER JR, 1992) and that has a diversity of sources for understanding the societies addressed. Since Historical Archeology is only one of the possible dialogues to establish with the cemetery, the tombstone is only one of the elements with which the researcher seeks to dialogue. It is a tombstone that contemplates written and imaginative language whose individual analysis or together reveals rites of passage of life, expressions of feelings and religious confession. This article seeks to recover part of the trajectories and memories of two families buried in the Santo Antônio cemetery in the 19th century bringing biographical and symbolic information. The used methodological route was the *on-site* survey and the use of death and marriage records. The made analyzes enabled to identify omissions, complement, reinforcement or contradiction of information.

**Keywords:** Cemetery; Tombstones; Epitaph; Iconography; Historical Archeology.

**Tombstones of the 19th century: life trajectories and expressions of feeling in the cemetery of the Santo Antônio fraternity in Campo Maior – Piauí**

<sup>1</sup> Mestra em Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI, 2016) e Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI, 2014). E-mail: [moraisjg07@gmail.com](mailto:moraisjg07@gmail.com)

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

As lápides agregam informações textuais e não textuais. As textuais referem-se às inscrições tumulares conhecidas como epitáfios, podem ser palavras, citações bíblicas ou frases celebrativas referentes à pessoa morta ou de sua memória e que podem aparecer tanto nas lápides quanto horizontalmente sobre a edificação erguida. (HERBERTS; CASTRO, 2011). Tais inscrições revelam um desejo da pessoa morta ou um desejo dos vivos sobre o morto e em geral expressam preferencialmente as virtudes. Conforme Maristela Carneiro (2012) a memória é sempre seletiva, assim os textos escolhidos para as lápides devem traduzir ideias e pensamentos considerados relevantes para que se tornem atemporais e metaforizem os valores existenciais do falecido.

Quanto às informações não textuais referem-se à fotografia fúnebre ou cemiterial<sup>2</sup>, esculturas, ao aspecto arquitetônico da necrópole e dos túmulos e gravuras que se apresenta em alto ou baixo relevo na lápide reportando representações da morte, confissão religiosa, brasões de família ou ainda aspectos singulares das pessoas.

Portanto, em virtude das informações que as lápides carregam permitem possibilidade de reflexão e interpretação em torno das distinções sociais, dos estilos artísticos, dos aspectos religiosos e culturais e os sentimentos presentes nos cemitérios.

## **PERCURSO METODOLOGICO**

O cemitério (da Irmandade de) Santo Antônio é o terceiro espaço mortuário e a primeira necrópole extramuros da cidade de Campo Maior (MELO 1983). A coleta de dados nesse sepulcral teve início em 2013, para realização do Trabalho de Conclusão em Licenciatura Plena em História, e em virtude de seu fecundo potencial informativo possibilitou a continuidade dos estudos resultando em uma dissertação de mestrado em Arqueologia defendida e aprovada em 2016.

A coleta de dados foi feita por unidade de sepultamento através da elaboração e do preenchimento de fichas técnicas denominadas de ficha de registro tumular. O método utilizado foi o de inventário geral (CASTRO, 2014) que consiste no levantamento das

---

<sup>2</sup> Os retratos mortuários ou fotografias fúnebres constituem as representações de pessoas já sem vida, enquanto os retratos ou fotografias cemiteriais compreendem as fotografias realizadas em vida que passam a representar os corpos sepultados e são usadas como elementos que adornam as sepulturas (SOARES, 2007).

características do cemitério como um todo, portanto estando incluso o inventário fotográfico, tendo sido adotado duas fotografias por sepultura, mas quando se percebia que imagens de diferentes ângulos revelavam contribuições significativas, optou-se por mais de duas.

O preenchimento das fichas teve início no lado direito do cemitério partindo de seu espaço posterior para a parte frontal. Optou-se por começar por esse lado porque, no lado esquerdo, a vegetação intrincada impedia a coleta. Para fins de localização da sepultura, foi realizada a numeração em número arábico de um ao infinito, uma vez que não se sabia a quantidade de sepulturas ali existentes.

Realizada a pesquisa *in loco* e feito a organização do banco de dados obtidos constatou-se a presença de 32 túmulos do século XIX. O que chama a atenção é que na parte posterior do cemitério, em especial no lado esquerdo, se concentram vinte e seis (26) do total dos sepulcros. Cabe destacar que era na parte posterior onde estava localizada a capela, espaço este que depois cedeu lugar a cruz das almas também conhecida como *cruzeiro*<sup>3</sup>, sendo, portanto, por onde circulam mais pessoas (LIVRO DE TOMBO, 1883, 1906; SILVA NETA, 2015). A proximidade com a cruz das almas já é um indício de distinção social, uma vez que a cruz valoriza o local de sepultamento (FOCHI, 2011).

Outro aspecto que merece destaque é o fato desses sepultamentos não apresentarem regularidade. Há grandes lacunas<sup>4</sup> entre o provável primeiro sepultamento (1804) e o último do século XIX (1899), bem como a quantidade ínfima de enterros realizados por ano, sendo o maior número observado em 1895, com 4 sepultamentos.

Borges (2008, p.02) considera que “as primeiras lápides sepulcrais normalmente contêm no epitáfio dizeres sobre a história de vida da pessoa, sua condição social e dados biográficos, completa a lápide com ornatos emblemáticos e florais”. As inscrições que datam desse século no acervo do cemitério Santo Antônio não foi diferente. É recorrente os seus epitáfios serem introduzidos pelo termo “Aqui jaz os restos mortaes”; “A memória de”, “Aqui descança os restos mortaes”, “Na paz do senhor aqui descansa os restos mortaes”. Seguem essas expressões o nome do (a) falecido (a), profissão, a naturalidade, a filiação, o rito de nascimento, o batismo, o casamento e morte, bem como o número de filhos obtidos do

---

<sup>3</sup>A cruz das almas, ou *cruzeiro*, é uma cruz em pedra ou madeira, normalmente colocada sobre plataforma podendo ter ou não degraus. Os *cruzeiros* podem ser de diversas dimensões e encontrados nos adros das igrejas, cemitérios, lugares elevados ou em encruzilhadas de caminhos (HERBERTS, 2011, p.48).

<sup>4</sup>1804 é um sepultamento isolado seguido a ele vêm 1840, 1869, 1871-1872, 1874-1875, 1879, 1884-1897, 1899.

consórcio do matrimônio, inclusive algumas especificando quanto destes sobreviveram. Dessa forma entende-se que as lápides falam e ajudam a contar histórias (MORAIS, 2016).

Nem todos os termos listados aparecem de uma só vez em uma única laje tumular. É a partir daí que se começa a selecionar o texto que nela será “impresso”. Algumas lápides do século XX e os termos de óbito foram aqui utilizados porque servem como registro documental de histórias das famílias investigadas. Também se utilizou dos registros de casamento cujas sepulturas trazem os dados que possibilitam guiar a busca em tais índices.

Em virtude do grande volume de informações auferidas na pesquisa selecionaram-se duas famílias que jazem no cemitério Santo Antônio: a Teixeira e a Eulálio.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Serviu de subsídio para interpretação e reflexão aqui feitas o trabalho de Claudia Barcellos Rezende e Maria Cláudia Coelho intitulado “Antropologia das emoções”, publicado em 2010, e o artigo “Pessoas, genealogias e lugares mortuários: lógica de nomeação, de distinção e de reconhecimento entre elites brasileiras e portuguesas em cemitérios oitocentistas” de autoria de Antônio Motta, de 2012. Além desses, os trabalhos de Maristela Carneiro (2012), Harry Bellomo (2008), Maria Elisia Borges (2002), Tânia Andrade Lima (1994) e sites especializados para compreensão das simbologias cemiteriais.

O epítáfio tem conteúdo, sentido e sentimento (FOCHI, 2011). E é sobre a afetividade que abordam as autoras Rezende e Coelho (2010). Elas desnaturalizam a expressão dos sentimentos como um equipamento biológico e inerente à espécie humana. As emoções como o amor, o medo, a raiva, o ódio e outras não têm natureza universal; elas não provêm espontaneamente do íntimo de cada um. As autoras defendem que as emoções trazem a marca da cultura nas quais as pessoas vivem e que as mesmas encontram suporte no corpo e nas palavras. “No entanto, as palavras nem sempre são vistas como expressando de fato o que o sujeito sente” (REZENDE; COELHO, 2010, p.24), o que reforça a distinção entre uma forma de expressão de ordem social, como as normas, que exprimem as emoções em determinada situação, e o sentimento de natureza individual.

Motta (2012) em seu artigo aborda duas lógicas de sepultamento que tiveram recepção positiva em Portugal e no Brasil a partir de 1870. A primeira é o túmulo de família que chegou ao seu apogeu durante a segunda metade do século XIX. Pode ser caracterizado como a nuclearização da família após a morte. Nele a pessoa abre mão de sua individualidade em

prol de um sobrenome da família. É a linha paterna que determina a referência tumular. A nuclearização expressa o desejo de unidade e de continuidade. O princípio que rege essa lógica de sepultamento é aquele de reproduzir a hierarquia que deveria reger as relações entre pai, mãe e filhos na casa. Importa o sujeito social genérico, constituído a partir da referência a um antepassado ou a uma herança comum à qual se liga através de relações com seus ascendentes e descendentes. No entanto, no início do século XX, ocorre uma mudança na epigrafia tumular em que a família não desaparece, mas predomina o ser individual, caracterizando a segunda lógica de sepultamento: “no túmulo construído para um único indivíduo ou casa sobressaía o desejo de valorizar e enaltecer determinados atributos da pessoa do morto, ocultando-se os indesejáveis” (MOTTA, 2012, p.127). Trata-se do filtro de percepção de que Carneiro (2012) menciona. Delineados esses aspectos se inicia este diálogo dissertativo com as lápides das famílias escolhidas do acervo do cemitério Santo Antônio.

### **“CONVERSANDO” COM AS LÁPIDES**

De todas as lápides encontradas que remetem ao século XIX, a Lápide 420 voltada para a cruz das almas, é uma das mais completas no quesito informação.

Jazigo eterno dos restos mortaes do Coronel Francisco José Teixeira filho legítimo de Ricardo Teixeira e de D. Henriqueta Lúcia da Costa Teixeira casado a 12 anos com D.Ursúla Maria de Santana Rita Teixeira deste matrimônio sete filhos maiores que foi sempre bom filho optimo esposo encomparavel pai sincero irmão amigo dos seus parentes ao mundo soube respeitar é adorar a religião Nasceu a 28 de fevereiro de 1833 e faleceu a 2 de junho de 1899 As lágrimas da sua família pedem para a caridade da sua alma um padre nosso e ave Maria (LÁPIDE 420,1899).

Verifica-se em sua epígrafe tumular a predominância de seus atributos valorizados e enaltificados. Consta profissão, filiação, onde há a preocupação de deixar estabelecida de que se trata de uma filiação legítima, ou seja, concebida dentro do casamento, o nome da esposa seguido do sobrenome do marido, o tempo de união do casal que durou até a morte os separarem e o número de filhos que tiveram, 7 no total, todos eles sobreviventes. Também descreve as virtudes do morto nas diferentes esferas cotidianas (como esposo, pai, irmão, amigo e na religião). A oração do padre nosso e ave Maria revela uma preocupação com uma vida após a morte, pois segundo Steyer “uma lágrima pelos finados se evapora; uma flor sobre seu túmulo fenece; uma prece pela sua alma recolhe-se a Deus” (STEYER, 2008, p.75).

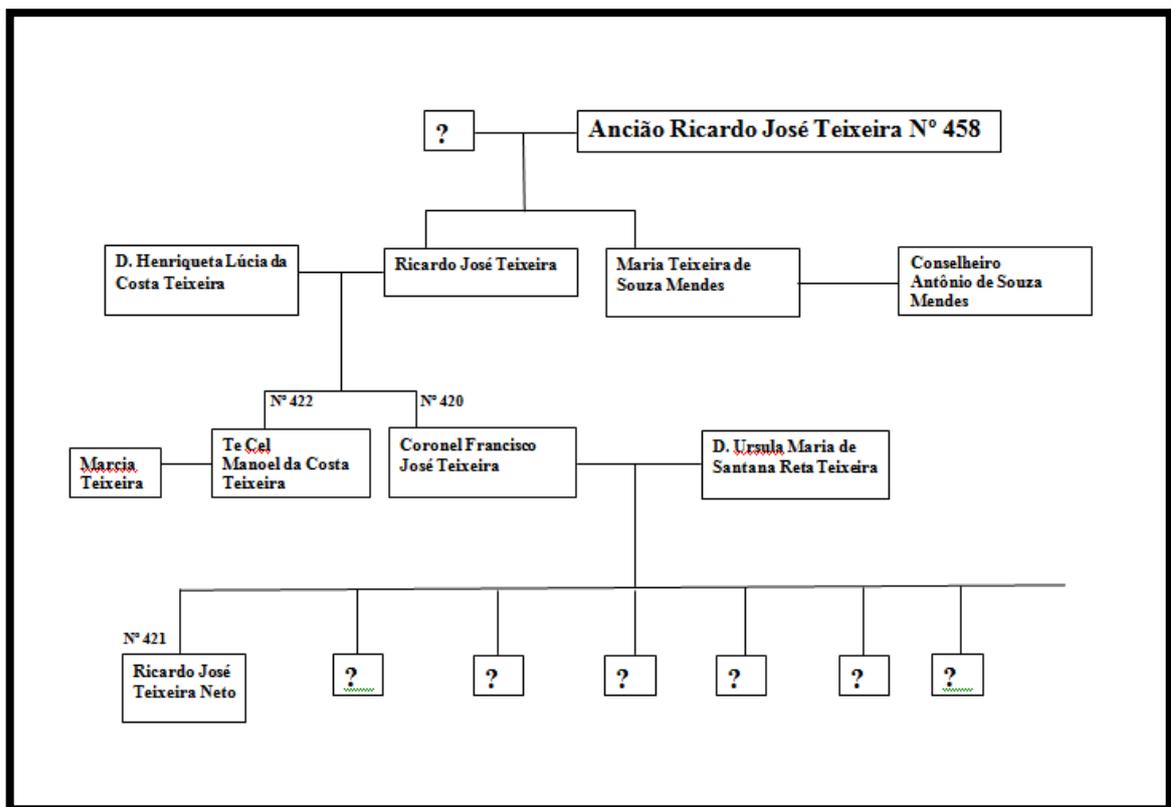
O confronto de dados com outras lápides do cemitério permitiu conhecer um pouco de sua biografia. O Coronel Francisco José Teixeira era neto do ancião Ricardo José Teixeira, filho de Ricardo José Teixeira e D. Henriqueta Lucia da Costa Teixeira. Sua tia, irmã de seu pai, era Maria Teixeira de Souza Mendes que contraiu matrimônio com o Conselheiro Antonio de Sousa Mendes. Teve como irmão o Tenente Coronel Manoel da Costa Teixeira (Lápide 422) e como esposa D. Ursula Maria de Santana Rita Teixeira com a qual foi casado 12 anos. Dos 7 (sete) filhos desse consórcio somente um foi identificado, Ricardo José Teixeira Neto sepultado juntamente a outras cinco pessoas que carregam os sobrenomes “Teixeira” e “Castelo Branco”.



**Figura 1:** Fotografia cemiterial de Ricardo José Teixeira Neto  
**Fonte:** Acervo pessoal de Jéssica Gadelha (2014).

Do total de 26 fotografias presentes no acervo funerário, ele é um dos retratados (Figura 1) cuja imagem aparece com o uniforme de ofício (a foto da formatura ou praticando sua profissão) reforçada ainda pela titulação de doutor, provavelmente reproduzida da tradição cultural e não acadêmica abreviada e gravada na própria imagem (RIGO, 2008). O termo “doutor” depõe historicamente sobre as relações sociais, e com maior relevo nas pequenas comunidades, lugares onde é mais reproduzido como pronome de tratamento e não como título acadêmico. Não é uma questão somente de linguagem, pois as mudanças da língua acompanham as mudanças das pessoas. O termo “doutor” tão enfatizado na fotografia fala muito sobre as relações de poder a que o Brasil assiste há muito tempo. Revela, sobretudo, a desigualdade de cunho social e econômico: é como o pobre trata o rico e como os que não puderam estudar tratam os que puderam adquirir educação formal de qualidade. É

notório que até hoje essa acepção de poder ainda não perdeu a força, não entrou em desuso, apesar de sua pública legenda, isso porque o código linguístico é arbitrário, mas não o seu uso, neste caso marcado pela superioridade de alguns sobre muitos, no Brasil, no passado e no presente. O problema é que as pessoas não mudaram, ou pelo menos esse tipo de mudança não houve no local.



**Figura 2:** Genealogia da família Teixeira  
**Fonte:** Lápides 458, 420, 421 e 422

O coronel Francisco José Teixeira faleceu em 1899 antes do avô o Ancião Ricardo José Teixeira (lápide 458) falecido em 1901. “Jazigo perpetuo do venerado Ancião Ricardo José Teixeira falecido em 26 de outubro de 1901. Tributo de grata afeição e indelével saudade de sua filha Marcia Teixeira de Souza Mendes e de seu genro o Conselheiro Antônio de Souza Mendes”. (LÁPIDE 458, 1901).Ancião é aquele que possui idade avançada e que merece respeito (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS), é possível que quando de sua morte o filho Ricardo José Teixeira já tivesse falecido uma vez que a dedicatória presente na lápide 458 é feita somente pela filha Marcia Teixeira de Souza Mendes e pelo genro.

A dedicatória feita ao ancião fala de uma “grata afeição e indelével saudade”. O sentimento de gratidão é a expressão afetiva da aceitação de posição de dívida, “que é, em última instância, a aceitação de uma relação marcada por uma hierarquia em que o sujeito

entra em relação com alguém que pode mais: daí a afirmação de que a gratidão teria um gosto de servidão” (REZENDE; COELHO, 2010, p.90). Ainda conforme as autoras a saudade é uma experiência emocional que fala da percepção de uma falta, de uma ausência. Indelével porque o tempo não apaga, é uma saudade que não cessa.

Além da parte escrita, a Lápide 420 traz aspecto iconográfico. Antecedendo os epitáfios há uma cruz em baixo relevo com flores em sua base e no seu centro. Nos cemitérios a utilização das flores se popularizou a partir de 1800 e podem ser encontradas de diferentes formas. Segundo Bellomo (2008) quando aparecem junto da cruz significam o amor divino e a fé. São diversas suas representações. Num aspecto geral, referem-se à fragilidade e singeleza. Mas a combinação é tão ampla que as espécies, e mesmo a quantidade de pétalas, possuem significados específicos. Flores com cinco ou doze pétalas representam as chagas de Cristo ou fazem alusão aos apóstolos. (CEMITÉRIOSP, 2016).



**Figura 3:** Cruz com flores e archotes

**Fonte:** Acervo pessoal de Jéssica Gadelha (2014)

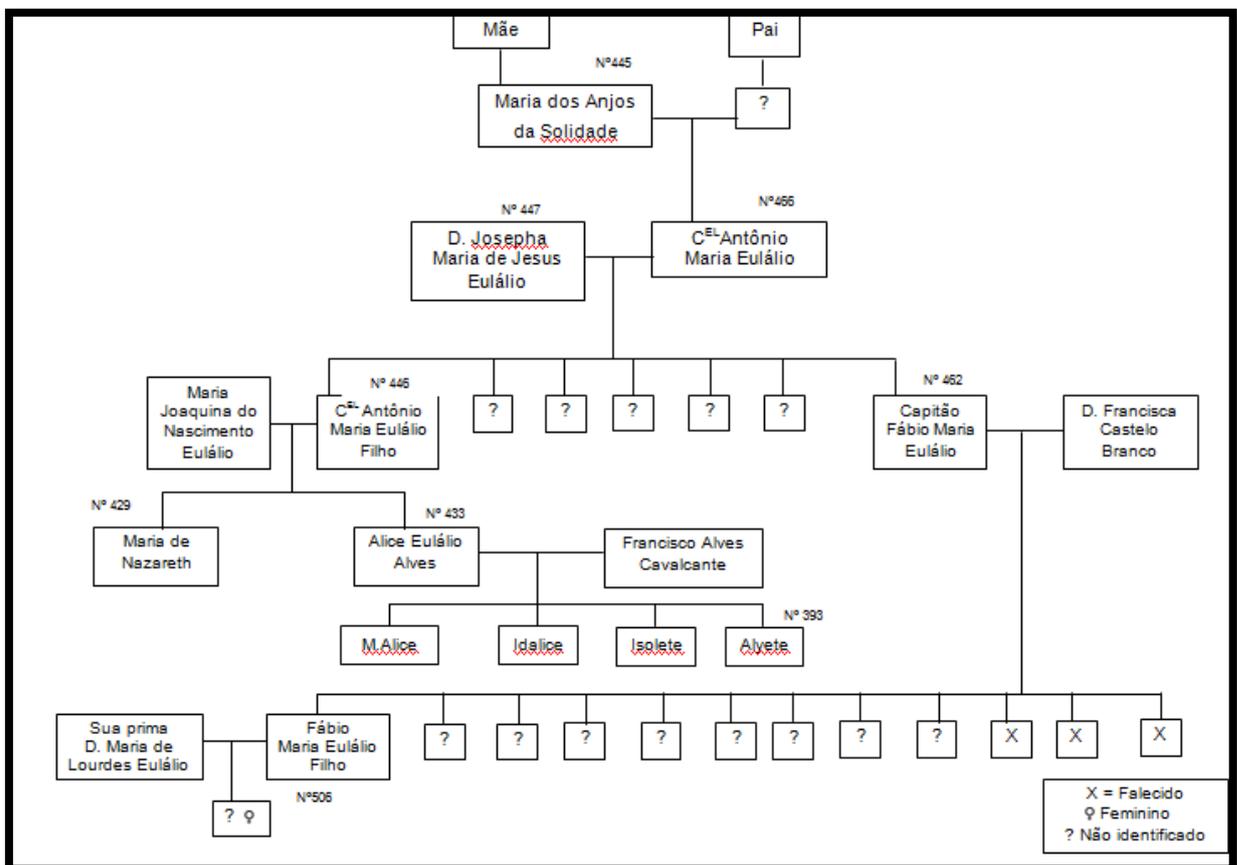
Sucedendo a inscrição existem dois archotes entrecruzados voltados para baixo. Os archotes são signos escatológicos que representa a vida que passa (LIMA, 1994), a chama da vida que se apaga. São exemplos de outros signos escatológicos a ampulheta alada, a foice e tíbias cruzadas.

Os dados referentes ao irmão do Coronel Francisco José Teixeira encontram-se na Lápide 422.

Aqui jazem os restos mortaes do T<sup>E</sup>C<sup>EL</sup> Manoel da Costa Teixeira era filho de Ricardo José Teixeira e D. Henriqueta Lúcia da Costa falleceu em 29 de julho de 1894 com 34 annos de idade Dedicar lhe esta em signal de profunda saudade de sua esposa Marcia Teixeira. Orai por elle (LÁPIDE 422, 1894).

A filiação é mantida na inscrição tumular assim como a súplica de oração apesar de não estar especificada. O tenente Coronel Manoel da Costa Teixeira, filho mais novo de Ricardo José Teixeira e D. Henriqueta Lúcia da Costa, não teve filhos e faleceu, cinco anos, antes de seu irmão. De acordo com o seu termo de óbito faleceu com 34 anos de idade de uma síncope cardíaca. O casal residia em Teresina, e no dia de sua morte ele estava na cidade de Campo Maior. É a viúva D. Marcia Avelina Teixeira que presta homenagem na lápide, manifestando profunda saudade que sente da ausência do marido.

Quanto a identificação da família Eulálio na necrópole partiu-se das informações constantes na lápide 445 onde está gravado “Aqui jaz Maria dos Anjos da Soledade nasceu a 2 D. agosto de 1802 faleceu a 29 de março de 1871 Pede-se um padre nosso e uma ave Maria pelo amor de Deus Homenagem de seu filho Antônio Maria Eulálio” (LÁPIDE 445, 1871). Nela consta o rito de nascimento e morte, e ainda uma súplica de oração por meio de um Padre Nosso e Ave Maria. Quem lhe dedica a lápide, em homenagem, é seu filho Coronel Antonio Maria Eulálio. Não foi possível saber se ele era filho único, mas foi o único identificado. Orna a laje tumular uma cruz em baixo relevo cujas pontas interseccionadas remetem à Trindade (pai, filho e espírito santo)(HIEROMONGE, 2016).



**Figura 4:** Genealogia da família Eulálio

**Fonte:** Lápides 445, 447, 466, 446, 462, 429, 433, 393, 506

A lápide 445 é circundada por um gradil de ferro onde aparece um vaso semicoberto por um manto em suas extremidades que significa saudade ocasionada pela tristeza da perda (CEMITERIOSP, 2016). A grade, colocada em torno de sua sepultura, “é a maneira encontrada para resguardar o espaço individual, além de protegê-la contra invasores. Havia também uma intenção eminentemente decorativa” (BORGES, 2002, p. 215).



**Figura 5:** Gradil e iconografia na lápide 445

**Fonte:** Acervo pessoal de Jéssica Gadelha (2014)

O filho de Maria dos Anjos casou-se com D. Josepha Maria de Jesus Eulálio e esse consórcio gerou 7 (sete) filhos, mas apenas 2 (dois) foram identificados. Um deles é o Coronel Antônio Maria Eulálio Filho, que se casou com Maria Joaquina do Nascimento Eulálio, conforme registra a Lápide 446, e teve com ela 2 (duas) filhas, Maria de Nazareth (lápide 429) e Alice Eulálio Alves (lápide 433). A primeira faleceu com 2 anos de idade e a segunda vingou, casou-se com Francisco Alves Cavalcante tendo com ele 4 (quatro) filhas: Maria Alice, Idalice, Isolete e ainda, de acordo com a lápide 393, Alyete.

Segue abaixo a transcrição do registro de enlace matrimonial de Alice com Francisco Alves Cavalcante.

No dia vinte e dois de julho de mil novecentos e vinte e dois, nesta matriz, feita as denúncias canônicas sem descobrir-se impedimento em minha presença e das testemunhas, José Alves Cavalcante e João Cresostomo de Oliveira e Flavio pereira de Carvalho receberam-se em matrimônio por palavras de presentes, Francisco Alves Cavalcante, com vinte e quatro anos de idade e D. Alice Eulálio, com vinte anos de idade. O nubente natural da freguesia de S. Gonçalo da Batalha e ela desta freguesia onde são paroquianos, filhos legítimos ele de Raimundo Francisco Alves e D. Raimunda Alves de Menezes e ela de Antônio Maria Eulalio Filho e Maria Joaquina do Nascimento Eulalio. E logo lhes dei as bênçãos nupciais. E para constar, mandei fazer este assento que assino.

O vigário Conego gastão Pereira da Silva (LIVRO DE CASAMENTO nº 6).

Contrapondo a cultura material com o documento escrito verifica-se um choque de informação quanto à idade com que Alice veio a contrair matrimônio. Apesar de em ambos aparecer a data 22-07-1922 para tal rito, o vigário, na hora de redigir o assento de casamento, explicita que a mulher ao se casar tinha 20 anos de idade. Tomando como referência a cultura material, os dados apontam para a idade de 27 anos. Os 20 anos podem ter sido um erro acidental ou um erro proposital, uma vez que talvez não fosse de bom tom a nubente ser mais velha que o seu marido.

A Alice, saudades de seu esposo e filhas, Maria Alice, Idalice e Isolete. Repouso eterno de Alice Eulalio, Alves, filha do C<sup>EL</sup> Antônio Maria Eulalio Filho e D. Maria J. N. Eulalio. Nasceu a 26-11-1894; casou-se a 22-7-1922 com Francisco Alves Cavalcante e faleceu a 30-7-1926 (LÁPIDE 433, 1926).

Alice Eulálio Alves foi primeira dama da cidade por duas vezes, quando seu esposo ocupou o cargo administrativo maior da cidade de Campo Maior no período de 05-10-1930 a 22-03-1936 e de 03-01-1938 a 18-04-1942(LIMA, 1995). Seu sobrenome de solteira é encontrado junto ao nome que adquiriu com o casamento. Em sua lápide o nome das suas filhas segue uma hierarquia assumida na família, são citadas da mais velha para a mais nova. A quarta filha, chamada Alyete, não foi mencionada na laje tumular. Alyete, identificada na cultura material, nasceu e faleceu em 15 de julho de 1926 tendo Alice falecido quinze dias depois. Acredita-se que a mãe, Alice, tenha falecido em decorrência do parto de Alyete.

A lápide 433, de Alice Eulalio Alves, foi uma das que veio de fora do Piauí; confeccionada na marmoraria de A. Pereira dos Santos & F<sup>o</sup> no Estado do Pará. Outro aspecto que dá destaque aos Eulálio é o fato que das 25 (vinte e cinco) fotografias restantes no acervo 3 (três) são dessa família.



**Figura 6** – Alice Eulálio Alves  
**Fonte:** Acervo pessoal de Jéssica Gadelha (2014).



**Figura 7**-Coronel Antônio Maria Eulálio Filho e sua esposa  
**Fonte:** Acervo pessoal de Jéssica Gadelha (2014).

Ao que tudo indica na figura 7 estão retratados o pai e mãe de Alice. O interessante é que na epigrafia tumular não consta que a esposa do Coronel Antônio Maria Eulálio Filho esteja sepultada junto a ele.

Aqui jazem os restos mortais do Coronel Antônio Maria Eulálio Filho, que em vida, foi um pai de família extremoso e um exemplo de austeridade, fidalguia de trato e honradez. Nasceu a 8 de setembro de 1867, filho do C<sup>EL</sup> Antônio Maria Eulálio e D. Josepha Maria de Jesus Eulálio Casou-se a 30 de novembro de 1889, com D. Maria J. Nascimento Eulálio. Faleceu a 24 de março de 1937. Saudades e lágrimas de sua esposa e filhas. Orai por elle (LÁPIDE 446, 1937).

A epigrafia revela ainda os ritos de passagem da vida, seu matrimônio aos 22 anos de idade e falecimento aos 69 (sessenta e nove anos). Com quase 50 anos de casado, a morte não desfez a imagem do casal, que é representado lado a lado através das fotografias. As virtudes do morto abrangem aspectos ligados à vida em família, como o amor conjugal, bem como aspectos relacionados à vida em sociedade, apresentando inteireza de caráter, severidade e rigor, um homem generoso e nobre, honesto e respeitado. E, de forma discreta, na parte inferior, o túmulo apresenta o nome “perpetua”. Em 1930 o Coronel Antônio Maria Eulálio Filho é mencionado como o fabriqueiro<sup>5</sup> da Irmandade de Santo Antônio, bastante elogiado pelo cuidado e zelo no asseio, conservação e administração das coisas eclesiásticas e

---

<sup>5</sup>Encarregado de receber as rendas da Irmandade e de cuidar das alfaias, paramentos e administração interna da mesma.

patrimoniais (LIVRO DE TOMBO DA FREGUESIA DE CAMPO MAIOR Nº2). Saudade e lágrimas são os sentimentos da família traduzidos na laje tumular. Segundo Rezende e Coelho (2010) a lágrima é uma reação corporal produzida por emoções diferentes como a alegria e a tristeza. Nesse caso trata-se de lágrimas de tristeza; é a reação do sentimento de perda do homem esposo e pai.

A dedicatória sugere que ele tenha tido outras filhas, pois quando de sua morte em 1937, as filhas Maria de Nazareth e Alice Eulálio já haviam falecido. Outra possibilidade de interpretação é a de que o avô teria criado as netas órfãs de mãe. É uma possibilidade, mas que não pode até o presente momento ser confirmado devido ao silenciamento das fontes. A lápide 446 tem procedência da M. Luzitana Pará. O túmulo é ornado com uma escultura conhecida como Cristo em ascensão.



**Figura 8:** Cristo em ascensão  
**Fonte:** Acervo pessoal de Jéssica Gadelha (2014).

O Cristo representado é o ressuscitado que aparece para consolar os aflitos, pois ele próprio venceu a morte e todos aqueles que morreram deverão ressuscitar junto dele para uma vida plena. Sua expressão é serena e o porte elegante a estender os braços sugere um gesto de acolhida e boas vindas aos que partiram do plano terreno. O panejamento todo drapeado

cobre-lhes apenas um dos ombros (ver Figura 8). Essa mesma réplica é encontrada nos cemitérios de Porto Alegre e no cemitério Avenida da Saudade, em Ribeirão Preto (BELLOMO, 2008; BORGES, 2002). Conforme Carneiro (2012) a escultura pertence a uma tipologia cristã que apresenta traços fisionômicos serenos e o efeito plástico da representação da indumentária transmite sobriedade.

A escultura foi esculpida em mármore branco, um material menos acessível financeiramente e, no estado atual, possui parte dos dedos decepados. Carneiro (2012) coloca que uma desvantagem desse tipo de material é a fragilidade nas extremidades, em especial quando aplicado à confecção de estátuas, cruzeiros e adornos em geral, porque pode lascarse com muita facilidade e, devido à alta porosidade, também é suscetível às manchas e opacidade. Todos esses aspectos: fotografia, epigrafia tumular e escultura revelam o poder aquisitivo e o prestígio político e social da família Eulálio.

O outro filho de D. Josepha e do Coronel Antônio Maria Eulálio foi o Capitão Fábio Maria Eulálio, que se casou com D. Francisca Castello Branco Eulálio. Tiveram 12 (doze) filhos, dos quais 9 (nove) sobreviveram. Destes, apenas um foi identificado. Trata-se de Fábio Maria Eulálio Filho, que se casou com sua prima D. Maria de Lourdes Eulálio, de acordo com a descrição seguinte:

Aos trinta de novembro de mil novecentos e doze, na matriz desta parochia, feita as denunciaçãoes canônicas, sem outros impedimentos alem do de consanguinedade em segundo grão simples da linha lateral, de que foram dispensados, em minha presença e dos testemunhas Pergentino de Lobão Veras e Moyses Maria Eulalio, uniram-se em matrimônio por palavras Fabio Maria Eulalio Filho, com 22 annos e Maria de Lourdes Eulalio, com dezenove annos, naturais e parochianos d'esta freguesia, filhos legítimos, ele o Fabio Maria Eulalio e Francisca Castelo Branco Eulalio e ela o Antonio Maria Eulalio Filho e Maria Joaquina Nascimento Eulálio, e logo lhe dei as bênçãos nupciais, de que para constar fiz este assento, que assigno. O vigr. Benedicto Portela Lima (LIVRO DE CASAMENTO nº 05).

A nova informação que se apresenta é o casamento endogâmico, considerado uma tentativa de manter as relações de parentesco dentro do próprio círculo familiar. Note-se através das informações constantes na lápide que Fábio casou-se com a prima aos 21 anos de idade e faleceu cinco anos depois, porém perpetuou sua existência através de uma filha. Mais uma vez a diferença de idade entre a lápide e o assento redigido pelo pároco que presidiu o casamento se repete. De acordo com o registro na lápide, conclui-se que seu casamento ocorreu aos 21 anos, e no registro de casamento aparece a idade de 22. A bênção dos nubentes foi do padre Benedito Portela Lima. Tanto o vigário Cônego Gastão Pereira Silva (LIVRO de

casamento nº 6) como o padre Benedito Portela Lima, responsáveis pelos assentos de casamento citados, encontram-se sepultados nessa necrópole.

Outros “Eulálios” foram encontrados na cultura material do cemitério investigado, mas não foi possível vinculá-los dentro de uma genealogia. É o caso de Francisca C. Branco Eulálio, Afonso C. Branco Eulálio, José e Fabio Eulálio Machado, Francisca C. B. Eulálio Machado e Moysés Maria Eulálio. Na placa de metal presente no túmulo de Moysés Maria Eulálio consta que era poeta sendo de sua autoria o hino santo Antônio Aparecido. O referido hino é cantado fervorosamente pelos fiéis que acompanham anualmente a procissão de Santo Antônio que ocorre no dia 31 de maio. A letra é entoada durante as trezenas que se encerram no dia 13 de junho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através das análises dos dados presentes nas lápides do século XIX, percebe-se que os filhos era um legado da existência de seus pais e de que havia a preocupação de deixar explícita a legitimidade da filiação nas inscrições funerárias. Ser filho legítimo significava ser reconhecido como “fruto” de um casamento instituído pela Igreja católica e aceito como tal pela sociedade. Observa-se que o legado da existência por meio dos filhos fazia-se através da mesma profissão e do sobrenome do pai, esse último dado também à esposa quando o filho contraía matrimônio e aos netos frutos do matrimônio. Mesmo com o estabelecimento de novas famílias nucleares, se mantém na epigrafia a menção a filiação, talvez com a intenção de avigorar as relações de parentesco e rememorar o grau de prestígio social da família. Também se verifica a preocupação de pai e filho, irmãos, sobrinho e tio da família Teixeira e Eulálio de repousam uns próximos aos outros após a morte. Com a ressalva da sepultura de Alyete, longe de todos os demais familiares.

Entre os sentimentos gravados nas lápides é recorrente o sentimento da saudade ora e outra intensificada pelos adjetivos imorredouras e indelével evidenciando que mesmo com o afastamento dos corpos permanece a “união de suas memórias”, que não se esquece um ente querido ausente. A súplica de oração através de “um padre nosso e uma ave Maria” revela o medo de um suposto esquecimento de intervenção pela alma dos que não estão mais no plano terreno.

O nome de algumas ruas e avenidas da cidade homenageia personalidades que ali jazem, é o caso da própria rua na qual está localizado o portão de entrada do cemitério, com o

nome do padre Benedito Portella Lima. E a Rua Coronel Eulálio Filho, que passa por trás do sepulcraário. A investigação permite considerar que não existe cidade sem passado, povo sem memória. O que há são capítulos de história e estórias não lidas pelo simples fato de nunca terem sido contadas pela historiografia oficial, o que justifica a importância da Arqueologia Histórica ao trabalhar com fontes e objetos poucos convencionais. Portanto as lápides são páginas de um livro não lido, em especial as do século XIX e da primeira metade do século XX onde estão gravados os ritos de existência -nascimento, batismo, casamento e morte- (PRIORI, 1997) e a trajetória individual e profissional de cada indivíduo e de sua relação com a história da cidade, ainda que com o avançar dos séculos as biografias presentes nas lápides do século XIX foram cedendo espaço para curtas palavras e o empobrecimento das necrópoles como fonte de informação escrita.

## Referências

BELLOMO, Harry Rodrigues. A arte funerária. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. 2. ed. ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BORGES, Maria Elizia. Os Riscadores de Pedra: produtores de uma alegoria funerária cristã. In: IIIº ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, GOIÂNIA, 2008. Anais do Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, Goiânia, 2008. **Disponível em:** <HTTP://www.artefunerariabrasil.com.br>. Acesso em: 12 nov.2011.

\_\_\_\_\_. **Arte funerária no Brasil (1890-1930):** ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Ruhe Sanft:** inventário do cemitério de imigrantes alemães de São Martinho Alto. Blumenau: Nova Letra, 2014.

\_\_\_\_\_. **In Frieden:** inventário do cemitério de imigrantes alemães de São Martinho. Blumenau: Nova Letra, 2014.

CARNEIRO, Maristela. **Construções tumulares e representações de alteridade:** materialidade e simbolismo no cemitério municipal São José, Ponta Grossa/ PR/BR, 1881-2011. Ponta Grossa, 2012. Dissertação (Mestrado em ciências sociais aplicadas). Universidade Estadual de Ponta Grossa.

CEMITÉRIOSP. **Arte cemiterial.** Disponível em <http://www.cemiteriosp.com.br>. Acesso em: 26 jan. 2016.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Significado de ancião.** Disponível em <HTTPS://www.dicio.com.br>. Acesso em : 29 Maio de 2017.

FOCHI, Graciela Márcia. **Morte, cemitérios e jazigos:** um estudo do cemitério municipal de Joinville/SC. Joinville, 2011. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade). Universidade da Região de Joinville.

HERBERTS, Ana Lúcia; CASTRO, Elisiana Trilha. **Cemitérios no caminho:** o patrimônio funerário ao longo do caminho das tropas nos Campos de Lages. Blumenau: Nova Letra, 2011.

HIEROMONGE, Pe. André. **Cruz:** suas formas e significados. Disponível em:<<http://www.ecclesia.com.br>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

LÁPIDE 393, 1926.

LÁPIDE 420, 1899.

LÁPIDE 422, 1894.

LÁPIDE 429, 1905.

LÁPIDE 433, 1926.

LÁPIDE 445, 1871.

LÁPIDE 458, 1901.

LIMA, Reginaldo Gonçalves de Lima. **Geração Campo Maior:** anotações para uma enciclopédia. Teresina: Gráfica e editora Júnior Ltda, 1995.

LIMA, Tânia Andrade. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX(estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 2, número 1. p. 87-159, jan/dez. 1994.

LIVRO índice de casamento nº05 (1908 a 1919).

LIVRO índice de casamento nº 06.  
LIVRO de Tombo da Freguesia de Campo Maior nº 1, 1883.  
LIVRO de Tombo da Freguesia de Campo Maior nº 2, 1906.

MELO, Pe Claudio. **Os primórdios de nossa história.** Texto não publicado. Arquivo Público do Piauí. Sala de reservas relativas ao poder executivo e legislativo. 1983.

MORAIS, Jessica Gadelha. **Aqui jazem muitas histórias:** estudo arqueológico do acervo histórico do cemitério Santo Antônio em Campo Maior – Piauí (1804-1978). Teresina, 2016. Dissertação (Arqueologia Histórica) - Universidade Federal do Piauí.

MOTTA, Antônio. Pessoas, genealogias e lugares mortuários: lógicas de nomeação, de distinção e de reconhecimento entre elites brasileiras e portuguesas em cemitérios oitocentistas. In: TRAJANO FILHO, Wilson (Org.). **Lugares, pessoas e grupos:** as lógicas de pertencimento em perspectiva internacional. 2. ed. Brasília: ABA publicações, 2012.

ORSER JR., Charles E. **Introdução à arqueologia histórica.** Belo Horizonte: Oficina de livro LTDA 1992.

PRADO, Danda. **O que é família.** São Paulo: Abril cultural. Brasiliense, 1985.

PRIORE, Mary Del. Ritos da vida privada. In: SOUSA, Laura de Mello e (Org). **História da vida privada no Brasil:** cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.276-330

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIGO, Kate Fabiani. Fotografias cemiteriais. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul:** arte, sociedade, ideologia. 2. ed. ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.217-221.

SILVA NETA, Alcelina da. **Entrevista concedida ao Núcleo de Pesquisa de História Oral da UFPI em 13 e 27 de novembro de 2015.**

SOARES, Miguel Augusto Pinto. **Representações da morte:** fotografia e memória. Porto Alegre, 2007. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

STEYER, Fábio Augusto. Representações e manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul:** arte, sociedade, ideologia. 2. ed. ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.61-96.

*Recebido em: 15 de abril de 2017.*

*Aprovado em: 10 de novembro de 2017.*